

ZONA LIVRE

JUN / JUL / AGO 2022 - Nº 71



ABRIL
Mês visibilidade
lésbica

23ª MARCHA
do Orgulho LGBTI+
de Lisboa

**MATERNIDADE
LÉSBICA**
masculina/butch

**A LÉSBICA NÃO
É UMA MULHER**

OPINIÃO:
Perdeu a democracia,
perdemos todas nós

11



CLUBE SAFO

Esta revista é uma edição do Clube Safo,
Associação de Apoio e Defesa
dos Direitos das Lésbicas

3 EDITORIAL

4 CORPO E MENTE

4 Apresentação & convite: Projeto PsiLesbos

5 Apresentação & convite: Projecto Les+Saúde

6 PONTO NEGRITUDE

Maternidade lésbica masculina/butch, entrevista a Angela Delgado Code

7 INVISIBILIDADE LÉSBICA

Brochura Maternidade Lésbica

8 INSPIRAÇÃO

8 A lésbica não é uma mulher

9 Perda gestacional sem tabus

11 OPINIÃO

Perdeu a democracia, perdemos todas nós

12 LIVROS

12 O Mar d'Eletra: Apresentação crítica

14 Sugestão de leitura: Trans Iberic Love

15 EVENTOS

15 Pelos caminhos da memória em Santarém

19 Abril, Mês visibilidade lésbica

20 23ª Marcha do Orgulho LGBTI+ de Lisboa

22 Feira daninha no queer Art Lab

23 AGENDA

24 SER SÓCIA

Queremos tornar a nossa Zona Livre cada vez mais participada e rica. Aguardamos as vossas colaborações: textos, poemas, desenhos, testemunhos, histórias, notícias etc.

A tua colaboração poderá ser sobre qualquer outro assunto que te interesse. Qualquer pessoa pode participar, basta enviar os materiais para: geralclubesafo@gmail.com

NOTAS DE EDIÇÃO:

A Zona Livre é uma colaboração entre diversas falantes de português e por isso acolhe várias variantes da língua portuguesa, que optamos por não alterar de modo a promover a diversidade e a descolonização da língua. Pelo mesmo motivo, incluímos formas de escrever mais inclusivas do que o binarismo linguístico permite. Deixamos ainda ao critério de cada autora qual o acordo ortográfico a seguir.

Todos os textos publicados refletem a opinião, vivências e experiências das autoras e não traduzem necessariamente a posição do Clube Safo. A publicação de fotografias ou a referência a pessoas não deve ser assumida como indicadora da sua orientação sexual.

FICHA TÉCNICA:

Edição

Jessica Lima

Design e diagramação

Luciana Choeri

Colaboradoras

Angela Delgado Code, Alexa Santos, Daniela Alves Ferreira, Jessica Lima, Jéssica Vassalo, Márcia Lima Soares, Patrícia Costa, Raquel Freire e LGBTI Viseu, Sara Cristina Zeferino, Sara M. Barbosa.

CONTACTOS

www.clubesafo.pt

geralclubesafo@gmail.com



clubesafo



clube_safo

Para que serve a visibilidade? Muitas pessoas perguntam-nos porque é que ainda é preciso fazer esta luta. Porque é que precisamos de espaços específicos. Se isso não significa segregar e se o que queremos não é antes a integração, a inclusão.

O que defendemos é que não queremos integração ou inclusão se isso significar termos de fazer de conta que não somos iguais a nós mesmas para nos integrarmos ou sermos incluídas.

Deixarmos de ser diferentes de um padrão de si tóxico, desigual, injusto e que oprime sempre as mesmas pessoas para sermos aceites é dizer que concordamos com este (cis)tema, com esta heterossexualidade compulsória, com a ilusão de que existe um “normal” e que toda a gente tem de o atingir para poder fazer parte deste mundo de forma digna, livre e feliz.

O que nós dizemos é que queremos ser iguais a nós mesmas, com todas as complexidades e camadas e precisamos de espaços em que o possamos ser, sem represálias, sem medo de assédio ou violência. Não seremos um espaço sempre seguro porque as diversidades múltiplas, de pessoas que pertencem ou podem pertencer, a este Clube, acarreta riscos. Não somos todas iguais, mesmo entre nós temos ideias contraditórias, histórias de vida complexas e muitas vezes temos atitudes, comportamentos, pensamentos ou opiniões que num espaço em que se celebra a diversidade, pode pôr-nos a aprender a lidar com o desconforto e com as nossas ideias (pré)concebidas, estereótipos e outras coisas da família das palavras que rimam com preconceito.

No entanto é isso mesmo a que nos propomos, que a visibilidade e representatividade sejam para todas as lésbicas, lésbicas que podem ser todes ou lésbicas que não gostam do nome lésbica. Mulheres que se envolvem com mulheres, ou pessoas que ainda não sabem qual é o seu “rótulo” mas que sentem vontade de vir, de estar e de conhecer outras pessoas com quem se identificam de alguma forma. Pessoas queer, que talvez já

tenham sido lésbicas mas que agora se sentem mais trans, bissexuais que hoje estão casadas com homens ou pansexuais que nunca tiveram relações com outras mulheres. Sáficas que adoram ler poesia, ou que todos os sábados vão ao Karaoke. Mulheres trans que gostam de mulheres e que querem ter um espaço para estar e conviver livremente sem medo. Trabalhadoras do sexo que têm clientes homens mas procuram uma relação duradoura de cuidado e amor ou assexuais poliamorosas que procuram um espaço para conversar. Demissexuais não binárias que depois de vários encontros dão a mão à sua crush por baixo da mesa, no restaurante. Estas e tantas outras que não nomeamos. O Clube Safo é para todas(es).

É importante dizer também que o Clube Safo continua a ser uma associação sem fins lucrativos e que se mantém com trabalho voluntário de lésbicas que dedicam o tempo “extra” das suas vidas, aquele tempo, depois da hora do trabalho que paga as contas, um bocadinho na hora de almoço, no fim de semana, para criar estes espaços. Por vezes, e especialmente, enquanto sobrevivemos a uma pandemia que nos fez ter de (re)aprender tantas coisas, perdemos algumas pessoas por cansaço, necessidade ou incompatibilidades várias e, por isso, na nossa última assembleia geral elegemos novos membros para a direção do Clube Safo.

Nadia Sacoar, a nossa nova presidente da Mesa da Assembleia, Patrícia Inácio, a nossa nova secretária da Mesa da Assembleia, Patrícia Costa, suplente da mesa da assembleia e Carolina Moutela, suplente do conselho fiscal.

Damo-vos as boas vindas e a quem saiu desejamos tudo de bom e agradecemos por todo o trabalho, esforço e dedicação à nossa casa.

Continuamos, no mês em que se celebra o orgulho LGBTQIAP+, a promover este espaço, a querer ouvir mais de quem está desse lado. Vem, senta-te à nossa mesa e conta-nos quem és.

Orgulhosamente, Alexa Santos

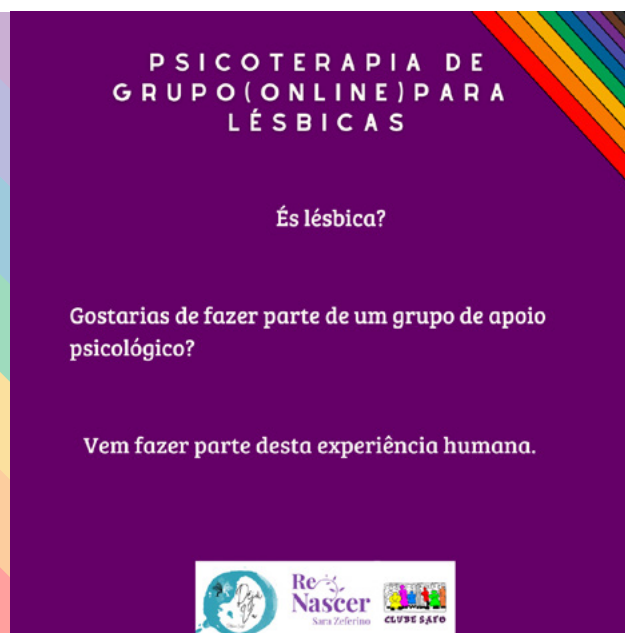
Apresentação & convite: PROJETO PSILESBOS

Por Sara Zeferino e Patrícia Costa

Por intermédio do Clube Safo e em colaboração com o mesmo, juntaram-se duas “mentes”: Sara Zeferino [Re(Nascer)] e Patrícia Costa [Déjà Vu] - psicólogas clínicas, que em trocas e sincronidades, sentiram o apelo, desejo e necessidade de co-criar uma psicoterapia de grupo, inexistente em Portugal: acessível a todas as pessoas (gratuita e online), que se identifiquem como lésbicas. Assim surgiu o PsiLesbos.

As sessões decorrerão em formato Zoom, mediante inscrição disponibilizada em @clube_safo através de Google Forms (<https://forms.gle/aw6oF3wHfRQegBTc9>), terão um máximo de 8 participantes e a duração de 1h30.

Vem fazer parte!



Com data de início prevista para 7 de Março de 2022 o seu slogan é:

És lésbica? Gostarias de fazer parte de um grupo de apoio psicológico, de modo a teres uma experiência de desenvolvimento pessoal (identitário, humano e relacional) em grupo, num espaço seguro, livre, afirmativo, confidencial e potenciador?

Vem fazer parte desta experiência humana.

PROJECTO LES+SAÚDE

lés+ saúde

Por Sara Cristina

- ♀ **Queres saber mais sobre os procedimentos legais relativamente à maternidade?**
- ♀ **Que técnicas de procriação medicamente assistida existem?**
- ♀ **Que métodos de proteção posso utilizar numa relação sexual?**
- ♀ **Que estabelecimentos são mais LGBTQI+ friendly que me permitam ser atendida sem sofrer discriminação?**

O Les+Saude é um projeto financiado pela CIG (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género) e criado pelo Clube Safo. Visa a construção de três brochuras com vista ao maior bem-estar e saúde de lésbicas e/ou mulheres que têm relações com mulheres, esclarecendo, desmistificando e tornando acessível informação sobre:

- Maternidade;
- Saúde Sexual;
- Acesso à Saúde

Em cada uma das respetivas brochuras iremos trazer informação atualizada sobre cada uma das temáticas com a ajuda de especialistas, assim como a apresentação de testemunhas e contactos uteis para que possas sentir segurança, validação e esclarecimento de boas práticas acerca destas temáticas, preenchendo as várias lacunas existentes em Portugal.

As brochuras serão disseminadas através de formato online nas nossas várias plataformas virtuais, assim como a partilha em formato físico em várias associações e instituições relevantes para o efeito.

De modo a finalizarmos este projeto iremos ter as Segundas Jornadas Lésbicas, vinte anos depois, para trazer vários convidados especialistas acerca das temáticas exploradas, assim como a apresentação de resultados.

Acompanha-nos para mais informações nas nossas redes sociais e fica atenta às atividades que temos preparadas especialmente para ti!



lés+
saúde

ENTREVISTA: MATERNIDADE LÉSBICA MASCULINA/BUTCH

com *Angela Delgado Code*



Como foi para ti quando soubeste que estavas grávida?

Foi estranho e um pouco assustador porque na altura jogava futebol e tive medo da reação da minha mãe, mas depois fui me acostumando com a ideia, heheheh.

Como foi/é para ti as relações amorosas enquanto mãe? Os teus dates/namoradas, aceitam? Trazem alguma questão?

Comecei a trazer namoradas pra perto do meu menino quando ele estava mais crescido aos 5/6 anos, e minhas namoradas aceitaram na boa ele, até porque se não aceitassem porque também não são obrigadas a nada e era um motivo de me afastar delas, mas sempre tiveram uma relação saudável com meu, até acho que gostam mais dele do que eu, ahahahah.

O facto de seres masculina muda a forma como te relacionas com a Maternidade?

Eu acho que não, até porque o facto de ser masculina não muda o facto de eu ser mulher e mãe, dá pra ser as duas coisas tranquilo.

Sentes que as pessoas te julgam? Por exemplo, na escola?

Algumas vezes sim, mas não ligo muito, cada pessoa tem direito a suas opiniões desde que não ofendam ninguém eu ignoro e deixo passar.

Sentes que foste tratada de maneira diferente pelo pessoal médico por seres negra e/ou lésbica?

Não, até agora não fui tratada de forma diferente nem aqui nem no meu país, mas pode ser que isso aconteça, mas estarei preparada pra me defender.

Como é como teu filho? Falas com ele sobre a tua orientação sexual?

Com meu filho é tranquilo, a mentalidade dele é algo espectacular, ele sabe da minha orientação sexual e aceita numa boa, até falamos sobre a dele de vez em quando e também responde-me com inteligência sobre isso, ele tem a mente aberta em relação a isso.

O que dirias a outras mães lésbicas para apoiarem as suas crianças?

Apoiem as vossas crianças sempre, ajudem nos sonhos deles, aceitem-nos da maneira que for, dêem-lhes amor porque de maldade e desamor o mundo já está cheio.

O que dirias a pessoas que querem ter filhos. Tens algum conselho?

Eu diria pra não terem muita pressa, planeamento em primeiro lugar e que seja com alguém que estará com elas sempre, em todos os momentos!!



Faz o download da nossa brochura sobre a Maternidade Lésbica



A Lésbica não é uma mulher

Por Daniela Alves Ferreira

É de Monique Wittig (1935-2003) a afirmação de que "A Lésbica não é uma mulher" e vem no seguimento da frase de Simone de Beauvoir (1908-1986) "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher"

A frase de Beauvoir alerta para o conceito de género. O género não nasce connosco, mas é incorporado ao longo da vida. O género é um discurso, criado em torno do sexo biológico, discurso que direciona gostos e comportamentos. Se nasceste com uma vagina deves ter poucos parceiros sexuais, querer casar com um homem, ter filhos, usar saias, saltos altos, pintar os lábios, arranjar o cabelo, manter-te desejável para o sexo masculino. Deves dar primazia ao cuidado dos filhos e da família. Todas as outras esferas devem ocupar um espaço menor. Por isso acabarás por escolher uma profissão mal paga que vai implicar que de alguma forma estejas na dependência financeira do marido. Só te tornas realmente uma mulher se fores ao encontro dessas expectativas de género. A construção e a incorporação do género e dos respetivos papéis, são a base das relações heterossexuais e do patriarcado.

Wittig pega na frase de Beauvoir e ousa dizer que as lésbicas não são mulheres. Não são mulheres, pois não incorporam as expectativas do género feminino essencialmente ligadas às relações entre homens e mulheres. Ao não enveredarem por relações heterossexuais, as lésbicas

não se submetem à vontade masculina. Além disso tendem em não estar alheadas à volta da sua capacidade reprodutiva. Não incorporam a divisão sexual do trabalho. Não dependem financeiramente dos homens. São disruptivas, não encaixam naquilo que se espera de uma mulher. Reescrevem, assim, o conceito do género feminino.

O género que nos fala Beauvoir é a base das relações heterossexuais e o alimento do patriarcado. As lésbicas dão o seu contributo para fragilizar o patriarcado ao recusarem ir ao encontro das expectativas de género. Nesse sentido, como diz Wittig, não são mulheres. Não são as mulheres que se esperava que fossem à nascença.

Gostaria de me sentar com Beauvoir e Wittig, num café de Paris, cidade onde viveram. Agradecer-lhes-ia toda a reflexão e contributo que deram para percebermos que a base da desigualdade entre homens e mulheres é a construção do género. Dizer-lhes-ia que aprendemos com elas e que continuamos o seu trabalho na desconstrução do conceito de género. Ser mulher é hoje algo mais abrangente do que era nos seus tempos de vida. No futuro poderá até deixar de fazer sentido o fazer uma divisão de pessoas por género.



Perda gestacional sem tabus

Por dois meses fomos quatro, até que um dos corações deixou de bater.

Por Márcia Lima Soares



Perseguindo o desejo de ser mãe, procurei uma clínica de fertilidade, em 2014. Muitas pessoas perguntavam-me: “não queres ter filhos?”, desconhecendo que, em Portugal, só os casais heterossexuais poderiam recorrer a técnicas de procriação medicamente assistida (PMA). Numa pesquisa online, encontrei a clínica IVI, que me permitia fazer todas as consultas em Lisboa e a inseminação numa das suas clínicas, em Espanha. O primeiro tratamento falhou e, na segunda tentativa igualmente falhada, levei uma repórter comigo, a Susana Bento Ramos, que montou uma reportagem denominada “A Fronteira da Hipocrisia.” Procurávamos sensibilizar a opinião pública para o alargamento da PMA, o que acabou por se transformar numa votação favorável, na Assembleia da República, a 13 de maio de 2016.

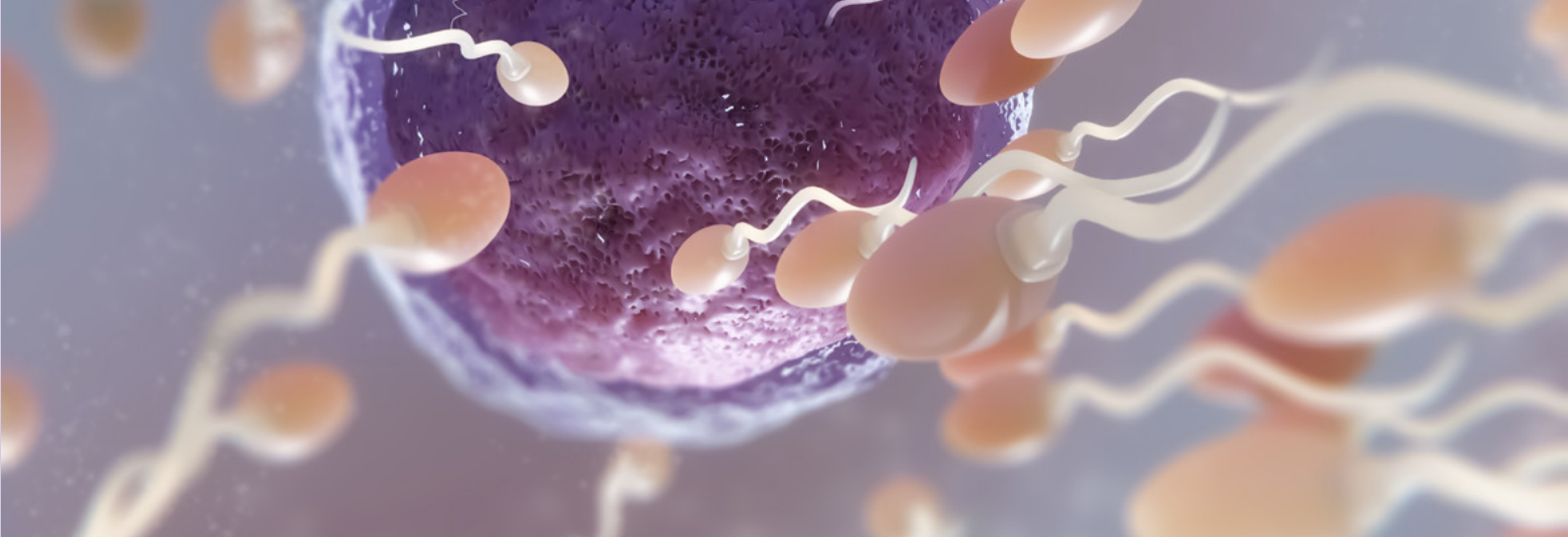
No final de 2017, reiniciei o meu tratamento de fertilidade, partindo para uma fertilização in vitro (FIV), que resultou em três embriões viáveis. Infelizmente, as duas primeiras transferências não se materializaram numa gravidez e o terceiro procedimento ficou suspenso devido ao recuo causado pelo Tribunal Constitucional (TC), em abril de 2018. O meu terceiro embrião ficou congelado e assim permaneceu por dois anos, até que, em dezembro de 2019, fiz a minha terceira e última transferência. Após uma gravidez conturbada, surpreendida por uma pandemia à escala mundial, a Laura chegou aos nossos braços, em setembro de 2020.

Tendo por base a situação que vivemos, escrevi o livro **A Ervilha Congelada**, um conto infan-

til que dá destaque às crianças que nasceram através de FIV – uma homenagem à nossa filha e aos milhões de bebés que chegaram às suas famílias através deste método. Após diversos meses de alegrias partilhadas com a bebé Laura, decidimos avançar para uma segunda gravidez, utilizando, desta vez, os óvulos da minha companheira, Sandra, que, por motivos de saúde, dificilmente conseguiria engravidar. Recorreríamos, então, ao método ROPA, fertilizando os seus óvulos com o sêmen do mesmo dador e fazendo a transferência para o meu útero. Depois de realizar todos os exames pedidos, realizámos o procedimento e, duas semanas depois, o teste de gravidez confirmou o nosso positivo.

Eu estava ciente de que a transferência poderia não dar resultado, contudo, a felicidade tomou conta de nós e confiámos na ideia de que já tínhamos sofrido muito e que chegara a altura de algo correr bem à primeira. Fizemos a primeira ecografia e constatámos que a minha barriga ia crescendo, mostrando-se difícil de esconder. Tendo vivido a minha gravidez no início da pandemia, era a primeira vez que mãos amigas celebravam a minha barriga (um detalhe entre tantos outros).

Chegou o dia da segunda ecografia e ouvimos o bater de um coração embrionário, no entanto, as palavras da nossa médica ecoaram na nossa cabeça e tiraram o brilho daquele momento: “O embrião não está a desenvolver-se como deveria.” Sentimos um baque no fundo do estômago e preparámo-nos para o pior.



No dia da terceira ecografia, no início da minha nona semana de gestação, íamos cientes de que poderíamos receber a pior notícia e isso confirmou-se quando, após longos minutos de uma exploração minuciosa, não se ouviu qualquer batimento cardíaco. Algures naquela semana, o seu coraçãozinho havia deixado de bater, talvez após eu lhe ter dito: “Vai, se não podes ficar, vai, que nós iremos gostar sempre de ti.”

Era um pequeno embrião, não um feto, nem um bebé, mas sentíamos aquele pequeno ser como parte da família, atribuindo-lhe, na nossa mente, um nascimento feliz e uma receção calorosa. Chorei. Chorei só e acompanhada, sem saber se a Sandra chorara também. Restavam-me as palavras da Dra. Catarina, que dissipavam qualquer réstia de culpa: “Quando um embrião não tem a qualidade suficiente, não há nada que possamos fazer.”

No período de tempo em que aguardava a expulsão do embrião, que poderia ocorrer a qualquer momento, viajei até Coimbra, para apresentar o livro **A Ervilha Congelada**, estavam lá outras mães que, tal como nós, tinham passado por muitas adversidades para ter um bebé nos braços. Apenas uma das mulheres presentes não tinha sofrido uma perda gestacional, o que fazia com que fôssemos a maioria, tendo passado por algo que é muito mais comum do que imaginamos. Nesse momento, após a apresentação de um livro que simboliza uma conquista para todas nós, ouvi um pouco das suas experiências, grata por ter existido aquele momento que nos permitiu falar abertamente e pôr as nossas dores a nu.

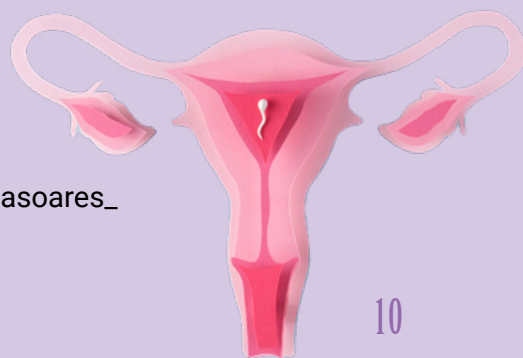
Entre diversos conselhos, preparei-me para a possibilidade de dores fortes, hemorragia mais longa do que uma menstruação normal e para a dor emocional. Agradeço pela coragem, numa

sociedade plena em tabus, de me terem dito que, chegado o momento da expulsão, deveria sentar-me num vaso sanitário, para facilitar o processo.

Sentindo-me algo dormente, enfrentei uma longa semana, até sentir as primeiras dores, evitando, assim, uma nova consulta para provocar a expulsão. O meu corpo tomou conta do acontecimento e fiz o que me disseram, quando chegou o momento, dirigi-me à casa-de-banho e sentei-me. Voltei a chorar, solucei até, e apercebi-me de que o desejo de uma segunda gravidez iria terminar no fundo daquele pedaço de louça branca, levada por uma descarga. Foi o final deste capítulo.

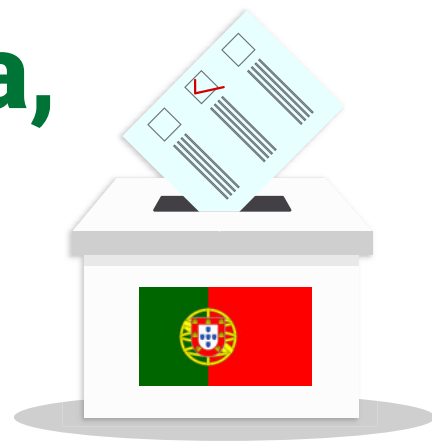
Um desfecho inglório, talvez demasiado em nome próprio, quando outras pessoas à minha volta também sofriam com esta perda, porém, as mulheres que engravidam deparam-se com uma barriga crescida, mesmo quando o embrião já não está lá, e são absorvidas por todas as alterações hormonais, que demoram a dissipar-se. “Tens aí a tua filha, a tua maior alegria” – são as palavras que mais ouço e concordo com elas, pois nem consigo calcular o sofrimento de quem ainda procura a felicidade de um primeiro nascimento. A Laura é o resultado de muitas lutas e de apenas uma vitória, a sua alegria conforta-nos a alma, muito embora não substitua a necessidade de se fazer este luto, de aceitar o sucedido, de encontrar conforto na despedida e buscar a força para tentar outra vez.

 @marcialimasoares_



Perdeu a Democracia, perdemos todas nós

por *Jéssica Vassalo*



As eleições legislativas de 2022 deixaram a nossa Democracia mais pobre. Ameaçada. Fragilizada.

Os resultados foram assustadores para todas nós, creio. O partido da extrema-direita elegeu doze deputados e a Iniciativa Liberal oito, tendo a esquerda perdido catorze deputados do Bloco de Esquerda e seis do Partido Comunista Português, em relação aos resultados de 2019.

Ainda que a percentagem de votantes no ano de 2019 tenha sido de 48,57% e este ano de 52,19% (algo positivo no meio de tudo isto), os números da abstenção continuam a ser negativamente significativos.

A minha cidade, o meu distrito, Santarém, também ele ficou mais pobre sem a Fabíola Cardoso, enquanto deputada do Bloco de Esquerda na Assembleia da República.

Enquanto mulher, lésbica, jovem, filha, neta, prima, sobrinha, com o privilégio de ter acesso a informação diária, através de uma pesquisa num *gadget*, não consigo perceber como é que tantos jovens, inclusive, mulheres, conseguem votar num partido que vai contra tudo aquilo que a Democracia defende, um partido com um tipo de discurso hostil.

Não nos podemos esquecer que foi principalmente devido à luta da esquerda que o referendo ao aborto venceu o sim.

Não nos podemos esquecer que foi graças à luta da esquerda que foi possível a descriminalização da homossexualidade.

Não nos podemos esquecer que foi graças à luta da esquerda que foi possível a adoção entre pessoas do mesmo sexo.

Não nos podemos esquecer que foi graças à luta da esquerda que pessoas do mesmo sexo se possam casar.

Não nos podemos esquecer que foi graças à luta da esquerda que a lei da autodeterminação de género foi aprovada.

Não nos podemos esquecer que foi graças à luta da esquerda que a lei do aborto foi legalizada.

Apesar dos resultados serem preocupantes para a luta LGBTI+, é a altura de unir esforços, de não baixar os braços, de reunir informação sobre política, sobre o funcionamento de um governo, sobre o funcionamento de uma assembleia municipal ou de uma câmara municipal.

Que a luta pelos direitos das mulheres lésbicas continue a estar presente nos nossos dias, nas nossas vidas.

As cores das nossas bandeiras não podem ficar apagadas!



O MAR D'ELETRA:

Apresentação crítica

Por Sara M. Barbosa

Em Janeiro estivemos na apresentação do livro da Rita Pea, *O Mar d'Eletra*.

Rita Pea, *O Mar d'Eletra. Poesia erótica para amantes*, Almada, Emporium Editora, 2021, 126 pp.

Ir à raiz das coisas

Electra, filha do rei Agamémnon e da rainha Clitemnestra, é um símbolo da força, da constância e de um particular amor filial e fraternal que a tragédia grega imortalizou. Não perdoa a morte do pai às mãos da mãe e do seu amante e mata-os com a ajuda do irmão, Orestes. É claro que muitas peripécias têm lugar nesta história e justificam, aos nossos olhos, tanto a atitude da mãe como a dos filhos. Porém, Electra é um marco na literatura grega e na história da humanidade: ela representa, acima de tudo, o momento em que o ser humano se liberta do poder dos deuses e segue o ditame das suas emoções. Digamos, actualizando para o nosso século XXI, que Electra nos revela o momento em que o ser humano recusa os constrangimentos e os preconceitos da sociedade e decide seguir os seus desejos, os seus sonhos, as suas emoções e ambições. É por isto que Electra espera o regresso do irmão e nunca o abandona, até que ele seja absolvido das mortes que perpetró. A rapariga preserva, também, a sua virgindade, até que possa casar com o homem por si escolhido, o melhor amigo do irmão, Pílates.

Desta indómita Electra, parece ter ficado, no livro de Rita Pea, a insubmissão, a libertação do jugo da sociedade e a resistência ao que os

seus olhos vêem como injustiça. Faltava-lhe apenas mergulhar no Mar, à procura do reflexo da Lua (que é também o seu) e, sozinha no seu elemento, renascer purificada e inteira. Esta é a parte da história que encontramos em *O Mar de Electra*.

Levada pela mão e pela voz de Rita Pea, Electra vai à procura de si e do seu novo 'eu'. Como é frequente acontecer nestas viagens, perde-se, inicialmente, na luxúria – e “Luxúria” é o título da primeira parte desta obra –, tentativa de esquecer o passado e ouvir o seu corpo e o seu espírito, ambos indomáveis. E escreve-se no poema III, logo no início, que “a rebentação do desejo/vai e vem/ num compasso ardente e sincronizado” (p.15). Este desejo reclama, a lembrar o pessoano Álvaro de Campos, sentir tudo de todas as maneiras. Por isso, às vezes nos parece que o eu poético se entrega ao amor pela sua própria imagem, qual Narciso por si mesmo inebriado, mas noutras ocasiões é nos outros/as (ou no Outro/a) que é procurada a satisfação; no entanto, muitos são os poemas em que o sujeito se entrega ao amor da e pela poesia:



**Renasceste
pura
no meu corpo
como a água que brota da nascente
ao ressoar da aurora.**

**Bebi-te
de olhos fechados
com a euforia a crepitar nos meus lábios.**

**Nesse instante
a poesia ecoou por toda a aldeia.**

("Poema XI", p.23)

À luz da Lua, que se reflecte no Mar – Mar e Lua, eternos símbolos do feminino no seu estado mais puro e mais antigo – o sujeito lírico escreve, escreve para si e para outro(s) ou outra(s): "O meus poemas nascem no teu corpo/ à luz da Lua" ("Poema XVI", p.29). E quando, por fim, o corpo desejado se confunde com o corpo das palavras que compõem o poema – inscrevendo-se, de alguma forma, nas correntes poéticas do feminino e do feminismo de Maria Teresa Horta, uma das leituras formativas de Rita Pea – é nesta altura que, diz o sujeito poético, citando o poema XXXIX, "anseio mergulhar/ em busca de mim mesma." (p.51). E o mergulho leva-nos à segunda parte do livro – "Eco", uma viagem que pretende deixar para trás os ecos do passado.

O sujeito poético recusa-se a ficar preso ao seu passado, ainda que não possa eximir-se totalmente aos seus estilhaços. Esse é o trabalho dos poemas que compõem esta segunda secção, pois, como diz o "Poema LIII", "Amores do passado/ não movem/ poemas." (p.68). E se "o eco do mar" se manifesta nas palavras da poesia, trazendo "as chamas indomáveis do teu desejo" ("Poema LXIII, p.78), é também um desejo do sujeito lírico viver e "sentir-te / (...)/ em todas as madrugadas/ que a Primavera ainda desconhece" ("Poema LXXX", p. 95). Mais uma vez, a natureza é convocada para afirmar a novidade, pois é ela que se renova depois de cada inverno; tal como o amor; tal como o poema.

"É este o momento./ O momento em que me despeço de mim mesma/ /para renascer plena/ no teu corpo", afirma-se no "Poema XCV" (p.110), que consiste na declaração de que o eu poético se despoja enfim daquilo que foi e que já não quer ser, rumo a uma nova existência, consciente do



corpo que, como se verá, não é apenas uma forma de confronto com a alteridade mas também, e sobretudo, da relação dessa alteridade com o este corpo, real ou metaforizado na poesia. Por isso, o poema que encerra o segundo momento deste livro, o "Poema XCIX" (p.114), é um elogio à "Mulher-Liberdade", uma mulher que transporta em si toda uma descrição romântica da natureza: ela é o caos, a agitação do vento e a força do mar, a heroína pronta a viver, tal como Electra, insubmissa, fiel apenas aos seus desejos, instintos e convicções.

A concluir, o centésimo texto é um poema à parte: trata-se de uma ode. Não a ode dos clássicos, tranquila e equilibrada com as de Pessoa /Ricardo Reis, mas antes uma ode enérgica e triunfal do feminismo. A "Ode à Gorda" é um manifesto revolucionário pela libertação do corpo da mulher, é uma recusa da ordem, do poder e das normas que a sociedade continua a impor às mulheres. Um dos melhores textos que se têm escrito contra as amarras do sistema patriarcal que nos envolve e nos torna infelizes, reféns da aprovação e do olhar dos outros e das outras. A Gorda é a mulher, é a pessoa, que todos e todas gostaríamos de ser, se vivêssemos em liberdade plena: a Gorda passeia, a Gorda come e bebe com prazer, a Gorda ama e realiza-se sexual e espiritualmente, a Gorda sorri, conversa e fala com os vizinhos. Em suma, "a Gorda (...) é dona das suas banhas, dos seus desejos e do seu pensamento." (p.120), a Gorda aceita-se no seu presente, vive e é feliz. E Rita Pea presta-lhe a mais bela e justa homenagem: escreve a sua história.

Este é um livro para ler devagar, para saborear o sumo das palavras, para sorrir de satisfação e, tal como as figuras que aqui se vão desenhando, sentir-se feliz, eroticamente feliz.

SUGESTÃO DE LEITURA:

TRANS IBERIC LOVE

Por LGBTI Viseu

Editado pela primeira vez em 2013 Trans Iberic Love permanece ainda tão actual nos dias de hoje. Raquel Freire realizadora, escritora, activista entre outras facetas tão ou mais importantes descreve-nos que as formas de amar podem ser tão distintas quanto as pessoas e as suas identidades. Que as barreiras que vemos à nossa volta, somos nós que tantas vezes as erguemos em torno de nós inconscientemente.

A paixão de duas pessoas num mundo em constante mudança e evolução pode ser tão mutável quanto a própria evolução, sem que as pessoas envolvidas se deem conta. Maria, proveniente de Portugal e José, de Espanha, apaixonam-se antes de se conhecerem.

O livro descreve-nos a vida destas duas pessoas, a sua existência individual e a visão de cada uma da relação, numa perspectiva bastante interessante e pertinente. Um livro bastante surpreendente que aconselho vivamente a lerem, dado às questões que vai levantando ao longo do desenrolar da história.



Para aceder ao livro:

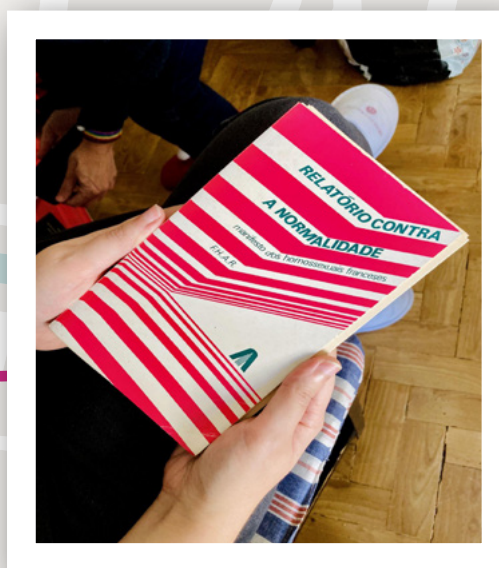


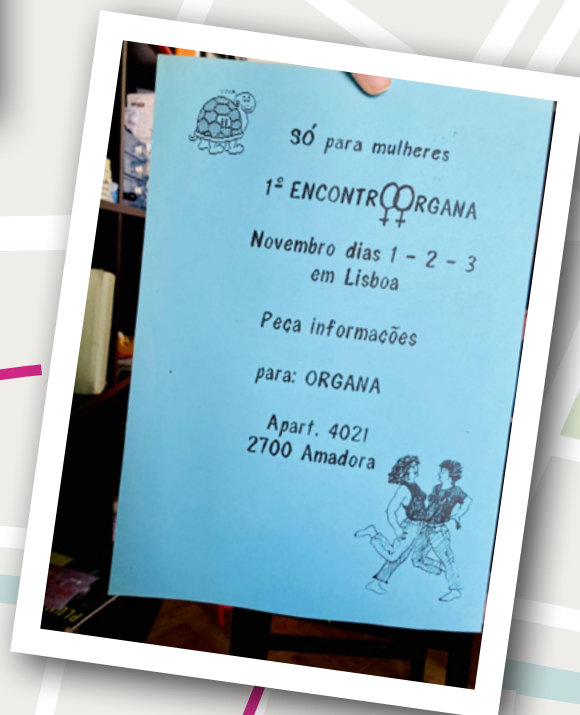
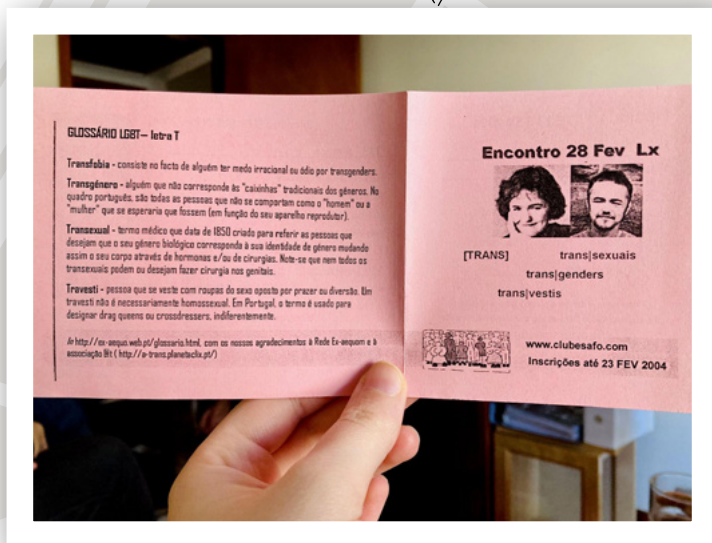
Pelos caminhos da memória em Santarém



Em Fevereiro aventurámo-nos rumo a Santarém para visitar o espólio do Clube que residia em casa da Fabíola Cardoso, nossa amiga, conselheira, mentora e ex-dirigente do Clube Safo, e passar uma tarde acolhedora no chamado *down the memory lane* ou pelos caminhos da memória.

Partilhamos um convosco um pouco do que encontrámos nessa tarde. Venham connosco!







Obviamente encontrámos muitas Zonas Livres...

A sensação foi a de termos encontrado um pedaço de história que estava à nossa espera. Vemos o quanto as nossas irmãs mais velhas fizeram, lutaram, deram de si...!





E ainda encontrámos...



E assim chegámos ao fim de muitas caixas, envelopes, dossiers, memórias. Voltámos a Lisboa de porta-bagagens cheio e corações quentinhos.

Este passeio foi mais um passo em frente no nosso plano de termos um arquivo oficial e público do Clube Safo. Esperamos trazer-vos mais novidades em breve! ;)



Abril, mês da liberdade e da visibilidade lésbica

Em abril reunimos o nosso fufedo (no melhor sentido possível) para algumas atividades de (re)encontro, partilha, conversa, e muita música.

Partilhamos convosco alguns desses momentos:





23^a Marcha do Orgulho LGBTI+ de Lisboa



Fomos muitas - mais de 25 mil pessoas em números oficiais. E por isso dizemos: A marcha é linda!!!!

Estivemos presentes e encontramos amiga/e/os, colegas, companheiros de luta e de afecto e connosco levamos muita vontade de celebrar e exibir a nossa nova faixa. Fizemos muito barulho, dançámos, corremos (!) e, no final, discursámos em representação de todas nós.

Partilhamos o discurso do Clube Safo na 23^a Marcha do Orgulho LGBTI+ de Lisboa:

O Clube Safo tem 26 anos. Até à data somos a única associação de defesa dos direitos de Lésbicas em Portugal.

Somos butch, somos femme, somos mulheres trans e cis, lidas ou não como mulheres, somos não binárias, negras, brancas. Somos de todas as idades e vimos de meios rurais e urbanos. Somos transfeministas. Acreditamos que somos diversas e múltiplas.

Acreditamos que pessoas bissexuais, pansexuais e queer fazem parte da nossa luta.

A Covid-19 veio exacerbar a solidão, a falta de acesso à saúde e ao cuidado no envelhecimento. Vimos os custos de vida aumentar, tornando-se inoportunos para muitas de nós.

Por isso exigimos:

O acesso aos direitos por nós já conquistados: mais celeridade nas listas de espera para a procriação Medicamente Assistida;

Que a lesbofobia seja levada a sério e punida: na saúde, na justiça, no local de trabalho e nos lugares públicos. NÃO ao assédio e violência machista;

Que enquanto lésbicas tenhamos acesso a uma vida feliz e plena - amando quem amamos, sendo quem somos, criando as famílias que escolhemos.

Acreditamos que a luta será sempre mais forte se fizermos o caminho umas com as outras, se agregarmos a nossa diversidade e aprendermos juntas.

Acreditamos no Direito a uma existência plena e que todos os dias sejam de celebração em resistência.

Viva o Clube Safo e viva a todas as lésbicas presentes!



Feira daninha no Queer Art Lab

No dia 19 de junho, logo após a marcha do Orgulho em Lisboa, estivemos presentes na já habitual Feira daninha no jardim do Torel. Participámos no Queer Art Lab, e terminámos assim um fim de semana em cheio.

A nós juntou-se a Madmahara do projecto Pride Valley, que trouxe consigo merchandising LGBT-QIA+ muito variado e lindo para as próximas marchas. Se ainda não a seguem, façam uma pausa na vossa leitura para visitar a página de instagram [@pridevalley.pt](https://www.instagram.com/pridevalley.pt)

Neste dia incrível, fizemos um inventário em jeito de poster que a chuva destruiu com as nossas palavras favoritas sinónimas de Lésbica (e esperemos que a lista cresça ainda mais). Seguem os resultados em ordem aleatória:



Se gostassem de acrescentar a esta lista, enviem-vos as vossas contribuições para [@clube_saf0](https://www.instagram.com/clube_saf0) para diversificar o nosso vocabulário!



MARCHAS DO ORGULHO LGBTIQ+ 2022

17 Maio

10ª Marcha Contra a Homofobia e Transfobia de Coimbra

28 Maio

5ª Marcha LGBT+ de Vila Real

4 de Junho

1ª Marcha do Orgulho na Covilhã

10 de Junho

1ª Marcha do Orgulho LGBTI+ na Tapada das Mercês (Sintra)

11 de Junho

Marcha do Orgulho LGBTI de Aveiro

11 de Junho

Pablo Vittar volta a Portugal para actuar desta vez no Porto, no NOS Primavera Sound, no Parque da Cidade.

18 de Junho

23ª Marcha do Orgulho LGBTI+ de Lisboa.

16 a 19 de Junho

Eros Porto - Salão Erótico do Porto na Exponor.

22 a 25 de Junho

3ª Conferência Internacional sobre Psicologia LGBT+ no ISPA, em Lisboa.

25 de Junho

nova data da 17ª Marcha do Orgulho LGBTI+ do Porto e Arraial + Orgulhoso do Porto.

25 de Junho

Marcha do Orgulho LGBTI em Guimarães.

25 de Junho

Arraial Lisboa Pride

25 de Junho

Marcha LGBTI do Algarve.

10 de Julho

Marcha pelos Direitos LGBTI de Braga

10 de Setembro

Primeira Marcha do Orgulho LGBTI em Vila Nova de Famalicão

17 de Setembro

1ª Marcha do Orgulho LGBTI+ de Esposende

24 de Setembro

3ª Marcha do Orgulho LGBTI+ de Santarém

25 de Setembro - 2ª Marcha do Orgulho LGBTI+ de Leiria

1 de Outubro

Primeira Marcha do Orgulho LGBTI em Vizela

9 de Outubro

5ª Marcha pelos Direitos LGBTI de Viseu

OUTROS EVENTOS

27 a 28 de maio

40 anos da Despenalização da Homossexualidade - Exposição e RoundTable com a Joana Matias
ISCTE, Lisboa

22 a 25 de junho

LGBT Psychology, tema: 20 anos das Jornadas Lésbicas
ISPA, Lisboa

29 junho

Conference of Europeanists: Gender and Sexuality Research Network
ISCTE, Lisboa

Setembro - outubro

ELC - EurAsian Lesbian Conference
Budapeste



CLUBE SAFO

Durante vários meses temos juntado mulheres que têm relações com mulheres em várias atividades, temos contribuído para que se volte a falar das questões das lésbicas em Portugal e continuaremos esse trabalho diariamente. Para o fazer precisamos de vós!

Ser sócia

Ser sócia do Clube Safo é querer contribuir ativamente para a defesa dos direitos de mulheres que têm relações com mulheres. Ser sócia do Clube Safo é fazer parte da mudança nas leis e na sociedade. Se queres lutar pela igualdade plena entre todas as pessoas independentemente da orientação sexual, faz-te sócia do Clube Safo.

Ao fazeres parte de uma associação de defesa de direitos, assumes uma postura de participação activa na sociedade, no exercício pleno da tua cidadania e contribuis para uma sociedade melhor para ti, para nós e para todas.

Ser sócia do Clube Safo também é estar informada, participar nos encontros sem pagar taxa de inscrição e ter desconto nas outras actividades do Clube.



Assinatura Semestral
12,00 € / R\$60,00

Assinatura Anual
24,00 € / R\$120,00

São mais de 20 anos de luta pelas mulheres lésbicas, seja na inclusão social ou na educação. Queremos e podemos fazer mais e para isso precisamos de sócias e voluntárias. Manda e-mail para **geralclubesafo@gmail.com** e faz parte!